

“A Raúl Brandão, o pintor da palavra, faltou (...) sentir as oscilações da escala de Richter”

Prova de gratidão a S. Miguel é também o próximo lançamento de Basalto. Dia 29 de Novembro no Centro Cultural Natália Correia às 18h00 fará três anos que nesta mesma ilha lancei o penúltimo livro intitulado Brisas. *Era devolver a Brisa que as ilhas lançam no meu sentir e agir.*

Até que um dia, volvida uma ‘imensidão de anos’, (quantos?) recorda-se que nasceu na ilha e regressa para lançar o livro Basalto. Aquele basalto que dá forma às ilhas e que, afinal, não só não lhe saiu da memória como lhe deu forma, tornando-a uma força da natureza?...

Na contracapa deste livro, Anabela Almeida exprime o meu sentir. Basalto é poema/Basalto é poesia. E eu acrescento: *Basalto é suporte da frondosa Natureza e meu também.*

E então verifica-se que mantém no seu íntimo o ‘Olhar Sublime’ do Ecce Homo; que se considera umas dos Regressantes e que não se esqueceu de Raúl Brandão e das Ilhas (Des) conhecidas. Foi ao baú das memórias ou elas nunca as deixaram no dia-a-dia da vida?

Mantenho o “olhar sublime” do rosto do Senhor Santo Cristo dos Milagres como farol na bonança e na tempestade. Não, eu não sou regressante. Nunca parti para um destino longínquo para sustento das gerações a meu cargo. Eu não tenho essa Altura, quando muito sou uma gaivota, que tal como os filhos das ilhas de bruma, vêm beijar a Terra, a Areia e o Basalto.

Antes de continuar os diálogos com Raúl Brandão, como anunciara há três anos, convidai-o a submergir no nosso Mar.

A Raúl Brandão, o pintor da palavra, faltou jogar à bola com a bexiga do porco, dançar a valsa e a sapateia, batalhar com limas e flores, sentir com naturalidade as oscilações da escala de Richter, cantar à desfolhada onde o milho é rei...

Não tenho um baú de memórias, elas correm-me nas veias!

É no capítulo Vivências que fala de quem é, da sua infância, do seu Plátano, do Basalto e das Caldeiras. Afinal, nunca deixou os Açores mesmo tão longe?



“Às ondas, às nuvens, ao Mar entrego, como sempre fiz, o que metaforicamente partilho em Basalto”

Deixar os Açores é impossível. Residir em S. Miguel é um sonho, nunca abandonado e revigorado ano após ano.

Tem um capítulo do livro Basalto dedicado à Natureza dos Açores e ao mar que “enrola o pensamento”. Consegue sorrir nas Tempestades?

Sorrir na tempestade foi e permanece a herança paterna e a milenar das nossas ilhas. A uva para que néctar seja é pisada mesmo que ao som do canto.

Às ondas, às nuvens, ao Mar entrego, como sempre fiz, o que metaforicamente partilho em Basalto.

A certa altura do livro tem diálogos com Raúl Brandão, que considera o “pintor da palavra”; e escreve ao Homem de Ricardo Bensaúde, a Lagoa Henriques e a António Rego. O que foram e são para si?

Ricardo Bensaúde tem raízes em Nós, frequentou as Belas Artes. No acervo da Academia das Belas Artes encontram-se duas pinturas deslumbrantes - “Ao Homem de Ricardo Bensaúde”

e um “Nu”. A minha mãe introduziu-me no calor e sabedoria da família Bensaúde. Não admira que dessa árvore emergisse tal pintor. Desgostame o silêncio à volta desse pintor.

Decisivos na partilha da palavra escrita é justo acrescentar Nazaré Escobar, conhecedora de todos os meus textos publicados ou não; Jaime Gama e Anabela Almeida. Decisivos na publicação de Brisas, já na terceira edição, foram António Rego e Jaime Gama. O prefácio de António Rego em Brisas é um hino poético do qual não sou merecedora.

E de que mais gostaria de ter falado e não lhe demos oportunidade para isso?

Espero ter correspondido à vossa entrevista. Será certamente mais uma ocasião de partilhar e relembrar aos amigos, familiares e amantes da poesia o lançamento de Basalto, sob o olhar de Natália Correia. *Por vós aguardo no próximo dia 29 de Novembro às 18h00, no Centro Cultural Natália Correia*, para a partilha desse momento de poesia em Basalto, *prefaciado por Carlos Melo Bento e apresentado por Urbano Bettencourt.*

Vereis que “agarrar-me ao mar como um rochedo” (Cecília Meireles) e “Sentir um intenso orgulho na palavra Açor” (Sophia de Mello Breyner) resume todo o meu pensar e sentir.

Citação do prefácio de Carlos Melo Bento ao livro ‘Basalto’: “Uma jornalista do Jornal de Letras, perante a sua recusa (a de Ana Franco) em ser entrevistada, terminou o diálogo com uma frase expressiva: - «porque se esconde detrás do que escreve?»!»

Mas, e porque o faz agora? Porque “a saúde e o tempo escasseiam”?

“Imposição bendita da saudade, que de mim não distingo, tal como a lava brota sem jamais o Mar; a Terra ou a gentes a poderem deter? Perdão peço se esboço trópego sou, mas tal como sou escrevo e a Vós confio”.

João Paz

DO PRADO AO PRATO

HORÁRIO RESTAURANTE: TODOS OS DIAS DAS 12:00 ÀS 23:00
HORÁRIO DO BAR: TODOS OS DIAS DAS 08:00 ÀS 00:00
Coordenadas GPS: 37°48'32.81"N | 25°33'55.46"W
RECINTO DA FEIRA - CAMPO DE SANTANA - 9600-096 RIBEIRA GRANDE

RESTAURANTE DA ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA

Reserve já!

RESERVAS
296 490 001

